Sangue Negro, de Noémia de Sousa, e a Poesia como Espaço de Afirmação do Ser Negro Africano

Black Blood, by Noémia de Sousa, and Poetry as a Space for the Affirmation of the African Black Self

*Sangre Negr*o, de Noémia de Sousa, y la poesía como espacio de afirmación del ser negro africano

Claudia Letícia Gonçalves Moraes
https://orcid.org/0000-0001-9652-3233
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Rayron Lennon Costa Sousa
https://orcid.org/0000-0002-7052-0031
Universidade Federal do Maranhão (UFMA/FAPEMA)

Resumo

O presente artigo analisa a obra *Sangue Negro* (1951), da poeta moçambicana Noémia de Sousa, destacando sua relevância como marco da poesia de resistência no contexto do colonialismo português em Moçambique. A partir de uma abordagem crítica ancorada nos estudos pós-coloniais e decoloniais, investiga-se como a autora constrói uma poética da negritude, afirmando identidades negras e denunciando os mecanismos de opressão colonial. O poema "Sangue Negro", em particular, é examinado como espaço simbólico de reivindicação da ancestralidade africana, da memória coletiva e da luta por liberdade. Conclui-se que a obra se configura como um instrumento político e estético de insurgência, contribuindo para a consolidação de uma literatura africana comprometida com a emancipação cultural e identitária.

Palavras-chave: literatura africana, negritude, colonialismo.

Abstract

This article analyzes the work *Sangue Negro* (1951) by the Mozambican poet Noémia de Sousa, highlighting its relevance as a landmark of resistance poetry within the context of Portuguese colonialism in Mozambique. Drawing on a critical approach grounded in postcolonial and decolonial studies, it examines how the author constructs a poetics of Negritude, affirming Black identities and denouncing the mechanisms of colonial oppression. The poem "Sangue Negro," in particular, is analyzed as a symbolic space for reclaiming African ancestry, collective memory, and the struggle for freedom. It is concluded that the work functions as a political and aesthetic instrument of insurgency, contributing to the consolidation of an African literature committed to cultural and identity emancipation.

Keywords: african literature, negritude, colonialism.

Resumen

El presente artículo analiza la obra *Sangre Negra* (1951), de la poeta mozambiqueña Noémia de Sousa, destacando su relevancia como un hito de la poesía de resistencia en el contexto del colonialismo portugués en Mozambique. A partir de un enfoque crítico fundamentado en los estudios poscoloniales y decoloniales, se investiga cómo la autora construye una poética de la negritud, afirmando identidades negras y denunciando los mecanismos de opresión colonial. El poema "Sangre Negra", en particular, es examinado como un espacio simbólico de reivindicación de la ancestralidad africana, de la memoria colectiva y de la lucha por la libertad. Se concluye que la obra se configura como un instrumento político y estético de insurgencia, contribuyendo a la consolidación de una literatura africana comprometida con la emancipación cultural e identitaria.

Palabras clave: literatura africana, negritud, colonialismo

Introdução

A produção literária africana do século XX configura-se como um espaço privilegiado de enfrentamento simbólico às estruturas de dominação impostas pelo colonialismo europeu, sobretudo nas colônias de língua portuguesa. Nesse contexto, a literatura não apenas reflete as tensões históricas e sociais vivenciadas pelos povos africanos, mas também atua como instrumento de contestação, denúncia e reconstrução identitária. Em Moçambique, esse movimento ganha força a partir da emergência de vozes que, por meio da palavra poética, insurgem-se contra a lógica colonial, reivindicando a humanidade, a cultura e a história dos sujeitos negros silenciados pelo discurso imperial.

A partir da segunda metade do século XX, a produção literária africana consolida-se como um campo plural e dinâmico, profundamente marcado pelos processos de independência política e pelas lutas de libertação nacional que atravessaram o continente. Nesse período, a literatura deixa de ocupar apenas um lugar de denúncia do colonialismo para assumir também a função de reconstrução simbólica das nações recém-independentes, articulando memória, identidade e projeto de futuro. Autores como Chinua Achebe, Ngũgĩ wa Thiong'o, Odete Semedo, Ana Paula Tavares, Pepetela entre outros(as), evidenciam, em suas obras, as tensões entre tradição e modernidade, oralidade e escrita, língua colonial e línguas africanas, além dos desafios políticos e sociais do pós-independência. No âmbito das literaturas africanas de língua portuguesa, esse movimento ganha contornos específicos, ao refletir tanto os impactos do colonialismo tardio quanto os conflitos decorrentes dos processos revolucionários e das guerras civis.

Nesse cotejamento, a literatura africana passa a se afirmar como espaço de elaboração crítica das experiências históricas do continente, constituindo-se não apenas como expressão estética, mas como forma de pensamento e de intervenção no mundo, comprometida com a afirmação das identidades africanas e com a problematização das heranças coloniais. É nesse cenário que se destaca a obra da poeta moçambicana Noémia de Sousa, cuja escrita se consolida como uma das mais potentes expressões da resistência literária africana. Considerada uma das precursoras da poesia de combate em Moçambique, Noémia de Sousa insere-se em um projeto estético e político que articula literatura e militância, dando voz às experiências coletivas de opressão e luta. Sua produção poética dialoga com o movimento da Negritude, especialmente nas aproximações com autores como Aimé Césaire, ao afirmar a valorização da identidade negra, da ancestralidade africana e da memória histórica como

elementos fundamentais para a construção de uma consciência crítica e emancipatória. Contudo, sua poesia também se diferencia ao incorporar especificidades do contexto moçambicano, evidenciando as particularidades do colonialismo português e das dinâmicas socioculturais locais.

Publicado originalmente em 1951, *Sangue Negro* reúne poemas que expressam, de maneira intensa e visceral, as contradições e violências vividas em Moçambique sob o domínio colonial. A obra constitui-se como um marco do nacionalismo literário moçambicano e da consolidação de uma consciência negra articulada à luta anticolonial. Por meio de uma linguagem marcada pela força imagética, pela oralidade e pela evocação de elementos culturais africanos, a autora constrói uma poética que ressignifica o corpo negro, o território e a história, transformando-os em símbolos de resistência e afirmação identitária. O poema *Sangue Negro*, em particular, destaca-se como núcleo emblemático dessa proposta estética, ao mobilizar a ideia de sangue como metáfora de pertencimento, continuidade histórica e vínculo com a ancestralidade.

A partir dessa perspectiva, este artigo tem como objetivo analisar o poema *Sangue Negro* como expressão estética e política de resistência, evidenciando de que modo a autora elabora uma identidade negra coletiva ancorada na memória, na ancestralidade e na luta contra a opressão colonial. Para tanto, propõe-se uma leitura que articula o contexto sócio-histórico de produção da obra às estratégias discursivas presentes no poema, buscando compreender como os elementos formais e temáticos se entrelaçam na construção de sentidos. Assim, serão realizados recortes analíticos de trechos do poema que permitam evidenciar os mecanismos de afirmação identitária e de insurgência presentes na escrita poética de Noémia de Sousa.

A recepção literária da obra de Noémia de Sousa tem sido marcada por um processo simultâneo de reconhecimento crítico e de resgate histórico, especialmente a partir das últimas décadas do século XX. Durante o período colonial, sua produção circulou de forma limitada, muitas vezes vinculada a jornais e revistas, o que contribuiu para uma recepção inicial fragmentada. No entanto, mesmo nesse contexto adverso, sua poesia já era reconhecida por intelectuais engajados como uma das expressões mais contundentes da resistência cultural em Moçambique. Posteriormente, com os processos de independência e a consolidação dos estudos sobre literaturas africanas, sua obra passou a ocupar lugar de destaque no cânone literário moçambicano e africano, sendo amplamente analisada por sua força política, estética e identitária.

No campo acadêmico, a recepção dessa escritora intensifica-se com o avanço dos estudos pós-coloniais e decoloniais, que passam a investigar, a dar visibilidade e a valorizar sua contribuição para a construção de uma poética da negritude e para a afirmação de uma consciência coletiva negra. A capacidade de Noémia de Sousa de articular denúncia e lirismo, bem como de inscrever, na linguagem poética, experiências de opressão, memória e resistência, destaca seu papel como uma das primeiras vozes femininas a ocupar um espaço central na literatura africana de língua portuguesa, tensionando não apenas o colonialismo, mas também as estruturas patriarcais. Entretanto, apesar desse reconhecimento crescente, a autora ainda enfrenta desafios no que diz respeito à ampla difusão de sua obra, sobretudo fora dos círculos acadêmicos, especialmente para leitores de horizontes de expectativas distantes dos centros urbanos.

A recepção da escritora, apesar de circular em espaços específicos, sinaliza um movimento de valorização progressiva de sua produção, consolidando-a como uma figura fundamental para a compreensão da literatura africana engajada e das dinâmicas de resistência cultural no século XX. Para Secco (2003), a crítica literária reconhece que a obra de Noémia de Sousa ocupa um lugar central na formação da literatura moçambicana, sendo considerada uma das primeiras expressões de uma consciência nacional articulada à resistência anticolonial.

Ana Mafalda Leite discorre que a recepção de Noémia de Sousa evidencia que sua produção literária, inicialmente marginalizada pelo contexto colonial, foi posteriormente ressignificada como fundamental para a consolidação de uma tradição literária engajada e comprometida com a emancipação cultural (Leite, 2012), o que coaduna com a assertiva de a crítica contemporânea também enfatiza o papel pioneiro da autora como voz feminina na literatura africana de língua portuguesa, evidenciando como sua escrita tensiona simultaneamente as estruturas coloniais e patriarcais (Mata, 2007).

A metodologia é básica, precedida de revisão bibliográfica, caracterizada como análise crítica qualitativa, tendo como corpus de análise o poema *Sangue Negro*, publicado em Maputo, em 2001. No que se refere ao aporte teórico, a análise será fundamentada em contribuições dos estudos pós-coloniais e decoloniais, dialogando com autores como Frantz Fanon e Aimé Césaire, cujas reflexões sobre colonialismo, identidade e resistência oferecem subsídios essenciais para a compreensão da literatura africana engajada. Além disso, serão consideradas as contribuições da crítica das literaturas africanas de língua portuguesa,

especialmente os estudos de Carmen Lúcia Tindó Secco, entre outros autores que possibilitam aprofundar a análise dos aspectos estéticos e políticos da obra.

Diante dessas considerações, evidencia-se que a análise de *Sangue Negro*, de Noémia de Sousa, ultrapassa o campo estritamente literário, configurando-se também como uma reflexão crítica acerca dos processos históricos, culturais e políticos que atravessam a experiência africana no contexto colonial. Assim, ao compreender a poesia como espaço de afirmação do ser negro africano, este estudo propõe não apenas a leitura de um texto poético, mas o reconhecimento de uma escrita que articula memória, identidade e resistência como práticas indissociáveis.

Ao investigar *Sangue Negro* sob essas perspectivas, este trabalho intenta evidenciar a centralidade da poesia como prática de resistência e como meio de reconstrução simbólica das identidades historicamente subalternizadas. Ao mesmo tempo, pretende-se contribuir para o reconhecimento da literatura africana de língua portuguesa como um campo fundamental de produção de conhecimento, memória e luta, reafirmando seu papel na construção de narrativas que confrontam o legado colonial e projetam possibilidades de emancipação cultural e identitária. Desse modo, a investigação que se segue procura demonstrar como a linguagem poética se constitui em instrumento de insurgência e reexistência, colaborando para a valorização das epistemologias africanas e para o fortalecimento de uma consciência crítica comprometida com a superação das heranças coloniais.

1. Contexto Histórico e Literário

Noémia de Sousa (Carolina Noémia Abranches de Sousa) nasceu em 20 de setembro de 1926, no distrito de Catembe, em Moçambique. Sua trajetória intelectual e literária está ligada ao contexto histórico de dominação colonial portuguesa no continente africano, o que se reflete de maneira incisiva em sua produção poética. Em 1951, diante das perseguições políticas decorrentes de sua atuação crítica e engajada, exilou-se em Lisboa, onde passou a viver parte significativa de sua vida. Embora sua obra tenha sido escrita ainda no contexto colonial, seus poemas foram reunidos e publicados posteriormente, em 2001, no livro *Sangue negro*, consolidando sua relevância no cenário das literaturas africanas de língua portuguesa.

Reconhecida como “a mãe dos poetas moçambicanos”, a escritora ocupa um lugar de destaque na constituição de uma tradição literária nacional em Moçambique. Sua produção é marcada por um forte teor nacionalista e por um compromisso ético e político com a realidade de seu país. Ao adotar o verso livre como forma predominante, a autora constrói uma linguagem poética que rompe com padrões estéticos eurocêntricos, ao mesmo tempo em que afirma uma voz feminina negra que reivindica visibilidade, dignidade e pertencimento. Sua poesia evidencia uma consciência crítica aguçada, capaz de articular a valorização da cultura africana com a denúncia das desigualdades, violências e contradições impostas pelo regime colonial.

É fundamental considerar o contexto histórico em que sua escrita se insere. A produção de Noémia de Sousa emerge em um período de intensificação das políticas coloniais portuguesas em África, caracterizadas pela exploração sistemática dos recursos naturais, pela institucionalização da segregação racial e pela imposição de valores culturais europeus em detrimento das culturas locais. Nesse cenário, a literatura assume um papel estratégico como espaço de resistência simbólica, funcionando como meio de contestação do discurso colonial dominante. A escrita de Sousa revela uma percepção crítica da relação entre colonizador e colonizado, evidenciando as múltiplas formas, tanto materiais quanto simbólicas, de violência exercidas sobre os povos africanos.

Como destacam Oliveira e Coelho (2019, p. 136),

> No que concerne à literatura africana em língua portuguesa, sua maioridade só foi possível a partir do século XX, quando os escritores africanos começaram a se afastar da influência que eles tinham da literatura colonial que, em sua essência, apresentava o homem europeu como o herói mítico, desbravador de terras inóspitas, portador de uma cultura superior e o homem africano como um monstro, um ser sem humanidade. Quando os escritores africanos puderam, enfim, escrever de si próprios, do seu povo e suas culturas é que foi possível conhecermos de fato o homem africano.

A literatura africana de língua portuguesa alcança sua maturidade no século XX, momento em que escritores africanos passam a romper com a tradição colonial que os representava de forma estereotipada e desumanizada. Ao assumirem a palavra, esses autores inauguram uma nova perspectiva, centrada na auto-representação e na valorização de suas próprias culturas, histórias e identidades. Nesse sentido, a obra de Noémia de Sousa insere-se nesse movimento mais amplo de ressignificação do sujeito africano, contribuindo para a

construção de uma narrativa que desloca o olhar colonial e afirma a humanidade e a complexidade dos povos africanos.

Se de um lado, a poesia de Noémia de Sousa caracteriza-se por um tom direto, coletivo e profundamente engajado; de outro, distancia-se de uma lírica intimista e individualista, pois sua escrita assume um caráter comunitário, falando em nome de um povo historicamente silenciado. A palavra poética, em sua obra, transforma-se em instrumento de denúncia, de resistência e de afirmação cultural, articulando emoção e política de maneira indissociável. Essa dimensão coletiva da sua poesia reforça seu compromisso com a construção de uma consciência nacional e com a mobilização simbólica contra o colonialismo.

Historicamente, é importante compreender que ela foi inserida em uma geração de intelectuais africanos que compreendem a literatura como prática de intervenção social. Assim, a escritora dialoga com movimentos como a Negritude, especialmente nas aproximações com autores como Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor. Tal movimento foi fundamental para a valorização da identidade negra, da ancestralidade africana e da resistência cultural frente ao colonialismo. No entanto, a poesia de Sousa apresenta especificidades que a distinguem, sobretudo por sua forte ancoragem no contexto moçambicano e na experiência concreta da colonização portuguesa, o que confere à sua escrita um caráter singular dentro do panorama da literatura africana.

A atuação de Noémia em espaços de circulação intelectual, como o jornal *O Brado Africano*, foi decisiva para a difusão de suas ideias e para a consolidação de uma rede de produção cultural engajada. Tais espaços viabilizavam tanto a publicação de textos literários como funcionavam como arenas de debate político e de afirmação identitária, nas quais escritores e intelectuais africanos articulavam estratégias de resistência ao colonialismo. Nesse sentido, a imprensa africana de língua portuguesa desempenhou um papel fundamental na formação de uma consciência coletiva anticolonial, permitindo a emergência de vozes que contestavam o discurso hegemônico e reivindicavam novas formas de representação do sujeito africano. A participação de Noémia de Sousa nesse circuito evidencia seu compromisso com uma literatura que ultrapassa os limites do estético, inserindo-se diretamente nas lutas sociais e políticas de seu tempo.

Para Sant’anna (2009, p. 70):

> Sua obra é um importante ponto de referência e inspiração para quem procura estudar e abordar as questões da Negritude em várias gerações de escritores moçambicanos, mas não só eles. A poesia de Noémia de Sousa, marcada pelo tom libertário, sob forte influência do discurso neorrealista, reverberou em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, no desejo comum de mudança e de validação de um for forte sentimento de nacionalidade, possível por meio da literatura [...]

A dimensão transnacional de sua poesia demonstra como sua escrita se insere em um movimento mais amplo de articulação entre literatura e política no contexto africano, contribuindo para a formação de uma estética engajada que dialoga com diferentes realidades coloniais, mas mantém como eixo comum a luta por emancipação e reconhecimento identitário.

No cotejamento crítica, a poética de Noémia de Sousa pode ser analisada à luz de perspectivas teóricas contemporâneas, como os estudos decoloniais, que permitem compreender de maneira mais aprofundada as estruturas de poder e dominação que atravessam sua escrita. Nesse âmbito, as contribuições de Aníbal Quijano, ao problematizar a noção de colonialidade do poder, e de Frantz Fanon, ao refletir sobre a violência colonial e seus efeitos na subjetividade dos povos colonizados, oferecem importantes chaves interpretativas para a leitura de sua poesia.

É possível compreender, portanto, que a escrita da escritora moçambicana ultrapassa a dimensão denunciativa das opressões impostas pelo colonialismo, via literatura, atuando como prática de reexistência, na medida em que afirma identidades, recupera memórias silenciadas e valoriza epistemologias outras, historicamente marginalizadas pelo pensamento eurocêntrico. Sua poesia configura-se como um espaço de insurgência simbólica, no qual a linguagem se torna instrumento de resistência e de reconstrução do ser negro africano.

2. A Poética de *Sangue Negro*: Ancestralidade Africana e Identidade Negra como forma de Resistência

O poema *Sangue Negro* constitui o núcleo simbólico da obra, apresentando o sangue como metáfora central. Esse elemento não se restringe a uma dimensão biológica, mas assume múltiplos significados: origem, ancestralidade, dor, força e resistência. A voz poética constrói uma identidade coletiva, rompendo com a lógica individualizante do sujeito

moderno ocidental, trabalhando intensamente com um "eu" lírico que se expande para abarcar o "nós", o "todo" africano irmanado, evocando uma memória histórica marcada pela escravidão, pela exploração e pela luta. Assim, apresenta-se o poema em questão:

Sangue negro

Ó minha África misteriosa e natural,
minha virgem violentada,
minha Mãe!
Como eu andava há tanto desterrada,
de ti alheada
distante e egocêntrica
por estas ruas da cidade!
engravidadas de estrangeiros

Minha Mãe, perdoa!

Como se eu pudesse viver assim,
desta maneira, eternamente,
ignorando a carícia fraternalmente
morna do teu luar
(meu princípio e meu fim)...
Como se não existisse para além
dos cinemas e dos cafés, a ansiedade
dos teus horizontes estranhos, por desvendar...
Como se teus matos cacimbados
não cantassem em surdina a sua liberdade,
do teu sol causticante, tropical,
como se teus filhos intemeratos, sobretudo lutando,
à terra amarrados,
como escravos, trabalhando,
amando, cantando –
meus irmãos não fossem!
Ó minha Mãe África, ngoma pagã,
escrava sensual,
mística, sortílega – perdoa!
À tua filha tresvairada,
abre-te e perdoa!
Que a força da tua seiva vence tudo!
E nada mais foi preciso, que o feitiço ímpar
dos teus tantãs de guerra chamando,
dundundundun – tá – dundundun – tá
nada mais que a loucura elementar
dos teus batuques bárbaros, terrivelmente belos...

para que eu vibrasse
para que eu gritasse,
para que eu sentisse, funda, no sangue, a tua voz, Mãe!

E vencida, reconhecesse os nossos elos...
e regressasse à minha origem milenar.

Mãe, minha Mãe África
das canções escravas ao luar,
não posso, não posso repudiar
o sangue negro, o sangue bárbaro que me legaste...
Porque em mim, em minha alma, em meus nervos,
ele é mais forte que tudo!
eu vivo, eu sofro, eu rio através dele, Mãe!
(Sousa, 2011, p. 114-115)

A poética de Noémia inscreve-se duplamente, como um gesto estético e político de resistência, no qual a ancestralidade africana é mobilizada como fundamento da identidade negra. O poema articula memória, corpo e história para ressignificar o sangue, frequentemente associado, no discurso colonial, à inferiorização racial, como emblema de força, dignidade e continuidade cultural. Este sangue que surge mimetizado no título e no corpo do poema, conforme afirma a poetisa, não pode nunca ser repudiado por simbolizar o próprio ser africano em si, sangue forte, sangue bárbaro que não pode ser renegado. Nesse sentido, a ancestralidade não aparece apenas como evocação do passado, mas como uma presença ativa que sustenta o sujeito poético no enfrentamento das violências do colonialismo. Ao reivindicar o sangue negro como herança e potência, Noémia de Sousa rompe com epistemologias coloniais que negavam humanidade e historicidade aos povos africanos, instaurando uma poética de afirmação e orgulho racial.

Outro elemento simbólico de grande potência que aparece no poema é a imagem do continente, ao qual a autora se refere como “minha Mãe”. E relata, com arrependimento, sobre o período em que esteve distante dela (física e sentimentalmente). O eu lírico feminino pede perdão à Mãe África por ter se mantido alheio e reconhece que, em sua alma, o seu sangue negro e africano “é mais forte que tudo”. Assim, quando a poetisa afirma: “E vencida, reconhecesse os nossos elos... /E regressasse à minha origem milenar”, notamos esta ligação que, sendo ancestral, aponta também para o futuro, um elo que não se rompe e que une passado, presente e futuro independentemente da vontade deste eu-lírico.

Ainda pensando a construção desta voz lírica marcada pela coletividade e pela memória histórica, vemos na seguinte afirmação: “minha voz ergue-se consciente e bárbara / sobre o branco egoísmo dos homens” como a poetisa evidencia uma enunciação que se posiciona frontalmente contra a lógica colonial, denunciando suas estruturas de dominação. A imagem do “sangue” opera, nesse contexto, como signo de ancestralidade e resistência, articulando uma identidade que se constrói na tensão entre violência e afirmação. Ainda, ao

declarar “eu trago no meu sangue a voz dos que nunca falaram”, a autora explicita o caráter coletivo de sua poesia, que se configura como espaço de reinscrição das vozes historicamente silenciadas, demonstrando nos meandros desta poesia tão significativa como se urde o conceito de “nós”, de um coletivo que se autoafirma e se inscreve na apresentação da voz poética em *Sangue Negro*.

Outro ponto importante é a repetição de imagens e a musicalidade do texto, que remetem ao ritmo dos tambores africanos, reforçando a conexão com a tradição oral. Essa estratégia estética contribui para a afirmação de uma identidade cultural que resiste à imposição colonial. Além disso, a poesia de Noémia de Sousa denuncia explicitamente práticas como o racismo, o trabalho forçado e a violência simbólica. O corpo negro, frequentemente objetificado pelo colonialismo, é ressignificado como espaço de resistência e dignidade. Assim, a autora constrói uma geografia simbólica ao evocar diferentes espaços:

> “das plantações da América…
> dos batuques de África…
> dos gritos sufocados…”

Essa enumeração cria uma cartografia da dor e da resistência, onde a América representa o espaço da escravidão e exploração, a África surge como matriz cultural e ancestral e os “gritos sufocados” simbolizam o silenciamento histórico. O poema, desta forma, rompe fronteiras nacionais e propõe uma identidade negra transnacional, antecipando debates que hoje dialogam com os estudos da diáspora e da decolonialidade.

3. A Recusa da assimilação e a afirmação da Negritude

Um dos aspectos centrais a ser relevado no poema é a rejeição das políticas de assimilação cultural impostas pelo colonialismo português. A autora recusa a ideia de que o sujeito africano deva abandonar suas raízes para se adequar aos padrões europeus. Nesse sentido, o poema afirma uma identidade negra orgulhosa de sua herança. O sangue negro é celebrado como fonte de beleza, força e continuidade histórica. Essa valorização da negritude se opõe diretamente às ideologias racistas que sustentavam o sistema colonial.

Pensando outros intelectuais importantes do momento histórico de Noémia de Sousa, é relevante trazer para o diálogo o martinicano Aimé Césaire que em sua obra clássica Discurso sobre o colonialismo, afirma: “Entre colonizador e colonizado não há lugar para o

contato humano, mas apenas para a dominação e a submissão". Este trecho condensa uma crítica radical à lógica estrutural do colonialismo, demonstrando que o que está em jogo, aqui, é a negação da própria ideia de "relação" entre sujeitos. Césaire desmonta o mito de que o colonialismo teria sido um encontro entre culturas, um intercâmbio ou uma missão civilizatória. Ao contrário, ele evidencia que essa relação é fundada na assimetria absoluta: de um lado, o poder que impõe, explora e desumaniza; de outro, o sujeito reduzido à condição de objeto, cuja humanidade é sistematicamente negada.

O poema de Noémia de Sousa evidencia que a literatura não é apenas um campo estético, mas também político. Sua poesia atua como um chamado à conscientização e à mobilização coletiva, fazendo do uso da linguagem poética um espaço que permite à autora articular emoção e crítica, criando um discurso que sensibiliza e, ao mesmo tempo, denuncia.

O sangue, o corpo e a voz tornam-se armas simbólicas contra a opressão que deslindam também esta tensa relação entre colonizador e colonizado, colocando a África (mãe África), como este espaço de acolhida, de retorno à ancestralidade, afirmação das raízes e potência para um futuro promissor, embora o tempo presente seja sombrio. Nesse sentido, *Sangue Negro* pode ser compreendido como parte de um projeto maior de libertação, no qual a cultura desempenha um papel fundamental na construção de novas formas de existência e resistência.

Considerações Finais

A análise do poema *Sangue Negro* permite compreender, de forma ainda mais ampla, a relevância da obra de Noémia de Sousa no contexto da literatura africana de expressão portuguesa e das lutas anticoloniais do século XX. Inserida em um momento histórico marcado pela dominação colonial em Moçambique, sua poesia articula uma voz coletiva que ultrapassa o sujeito individual e se constitui como expressão de um "nós" negro, historicamente silenciado.

O poema opera como um dispositivo de reconfiguração identitária, no qual a memória ancestral, a herança cultural africana e a experiência da diáspora são mobilizadas como fundamentos de resistência. Ao reivindicar o sangue negro como signo de dignidade, pertencimento e potência histórica, a autora subverte profundamente as narrativas coloniais que associavam a negritude à inferioridade, instaurando uma inversão simbólica que reposiciona o sujeito negro como agente de sua própria história.

A escrita de Noémia de Sousa, assim como de outras contemporâneas, evidencia um movimento estético-político que articula denúncia e criação: ao mesmo tempo em que expõe as violências do colonialismo, como a exploração, o racismo e a desumanização, projetando horizontes de liberdade e emancipação, inscrevendo-se em uma poética da insurgência. Tal poética não se limita ao campo literário, mas dialoga com processos mais amplos de luta, como os movimentos de independência africana e a construção de consciências nacionais. A linguagem de Noémia de Sousa, marcada por forte carga imagética e tonalidade combativa, contribui para a consolidação de uma estética engajada que tensiona os paradigmas eurocêntricos de produção do conhecimento, afirmando outras epistemologias baseadas na experiência vivida, na oralidade e na coletividade.

Portanto, *Sangue Negro* se configura como um marco da literatura de resistência africana, especificamente da moçambicana, além de se tornar um texto fundacional para a compreensão das dinâmicas entre literatura, política e identidade no contexto africano. Sua importância reside, sobretudo, na capacidade de articular memória e futuro, denúncia e esperança, sofrimento e força, contribuindo decisivamente para a valorização das experiências africanas no campo das humanidades e para a construção de uma crítica literária comprometida com perspectivas decoloniais e antirracistas.

Referências

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Lisboa: Edições Colibri, 2012.

MATA, Inocência. *A literatura africana e a crítica pós-colonial:* reconversões. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

OLIVEIRA, J.; COELHO, C. *A Resistência Poética em Noémia de Sousa*. Mosaico. São José do Rio Preto, v. 18, n. 1, p. 135-151, 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANT'ANNA, Jacqueline Britto. *O discurso poetico de Noemia de Sousa*: resistencia, poder e subalternidade. Kalíope, v. 5, n. 10, 2009. Disponivel em:

http://revistas.pucsp.br/index.php/kaliope/article/view/7472/5456. Acesso em: 05 mai. 2026.

SENGHOR, Léopold Sédar. *Liberdade I: Negritude e Humanismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. *Literaturas africanas de língua portuguesa*: marcas e marcos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

SOUSA, Noémia de. *Sangue Negro*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 2001.